

A universalidade
do carioca Nelson
Rodrigues

PÁGINA 7



San Sebastián
resgata obra de
Sara Gómez

PÁGINA 12



Rabanada muito
além das festas de
fim de ano

PÁGINA 15



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

O grande palco global está de volta



A diversidade da música se faz presente em mais uma edição do Rock in Rio, que completa 40 anos

E lá se vão 40 anos! Neste fim de semana o inicia mais uma edição, a décima na Cidade do Rock, com sete dias de shows com artistas de todas as partes do mundo, de todos os gêneros, com apresentações nos dias 13, 14, 15, 19, 20, 21 e 22. O festival celebrar seus 40 anos de existência, contando com uma nova área temática chamada Global Village com cenários inspirados em ícones arquitetônicos de todo o mundo.

Ed Sheeran, Ne-Yo, Joss Stone, Ludmilla e Angélique Kidjo foram as primeiras atrações confirmadas para o evento, divulgados nas redes sociais do Rock in Rio em novembro do ano passado.

Em comemoração a música brasileira, foi reservado um dia em homenagem aos mais diversos estilos musicais brasileiros, entre eles o rock, sertanejo, MPB, trap, pop, samba, rap, bossa nova, soul, funk, jazz, música clássica e eletrônica.

Esta será a segunda edição que terá um dia dedicado a artistas femininas. Conhecido como "Dia Delas", as primeiras atrações confirmadas para esse dia foram Katy Perry, Iza e Gloria Gaynor.

O festival contará com um musical especial pelos 40 anos do festival chamado 'Sonhos, Lama e Rock and Roll', que contará a história do Rock In Rio, com a direção de Charles Möeller, direção musical de Zé Ricardo e protagonizado pelos atores Beto Sargentelli, Malu Rodrigues e Rodrigo Pandolfo.

Além da diversidade de gêneros musicais, o festival contará com artistas de várias partes do mundo como África do Sul, Austrália, Benim, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, Índia, Inglaterra, Israel, Portugal, Suécia e Ucrânia.

Continua na página seguinte

O que rola na **Cidade do Rock**

Confira a programação completa do festival neste fim de semana



Imagine Dragons

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

SEXTA, 13/SET

Palco Mundo

- *16h40 – Matuê com Wiu e Teto
- *19h – Ludmilla
- *21h20 – 21 Savage
- *0h – Travis Scott

Palco Sunset

- *15h30 – Funk Orquestra convida MC Daniel, Rebecca e MC Soffia
- *17h50 – Veigh e Kayblack
- *20h10 – Orochi, Chefin e Oruam
- *22h45 – MC Cabelinho & Coral das Favelas

Palco New Dance Order

- *22h – Cat Dealers
- *23h30 – Chemical Surf
- *1h – Fatsync x Malifoo
- *2h30 – Deadmau5

Palco Espaço Favela

- *16h – Slipmami
- *19h – Kevin o Chris
- *21h – TZ da Coronel e Borges

Palco Global Village

- *15h30 – Victor Xamã
- *17h30 – Katú Mirim
- *19h15 – Karan Aujla

Palco Supernova

- *15h – Mc Maneirinho
- *17h – The Box
- *18h30 – Mizzy Miles
- *20h30 – Major RD



Travis Scott

Sábado, 14/SET

Palco Mundo

- *16h40 – Lulu Santos
- *19h – Zara Larsson
- *21h20 – OneRepublic
- *0h – Imagine Dragons

Palco Sunset

- *15h30 – Patu Fu e Penélope
- *17h50 – Christone “Kingfish” Ingram
- *20h10 – James

- *22h45 – NX Zero

Palco New Dance Order

- *22h – Liu
- *23h30 – Öwnboss
- *1h10 – Kvsh
- *2h40 – DJ Snake

Palco Espaço Favela

- *16h – Lourena
- *19h – Thiago Pantaleão
- *21h – Dennis

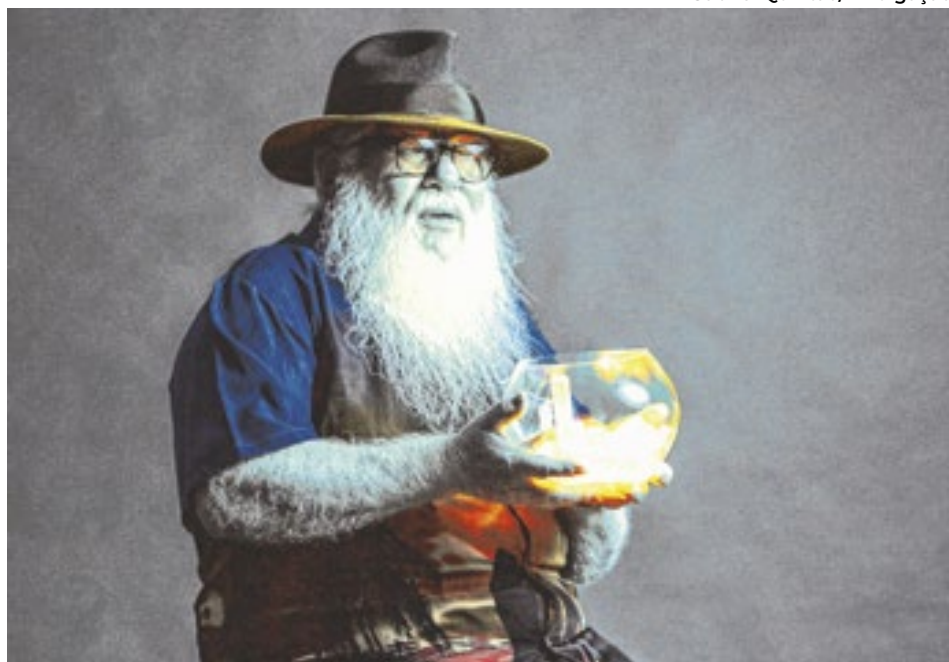
Palco Global Village

- *15h30 – Amaro Freitas
- *17h30 – Mestrinho
- *19h15 – Hermeto Pascoal & grupo

Palco Supernova

- *15h – 7 Minutoz
- *17h – Duquesa
- *19h30 – Bin com Leviano
- *20h30 – Nagalli – Magic Show & Convidados

Gabriel Quintão/Divulgação



Hermeto Pascoal

Divulgação



Avenged Sevenfold

Jorge Bispo/Divulgação



Lulu Santos

Divulgação/Sesc RJ



Paralamas

Divulgação



Ludmilla

Domingo, 15/SET

Palco Mundo

- *16h40 – Paralamas do Sucesso
- *19h – Journey
- *21h15 – Evanescence
- *0h – Avenged Sevenfold

Palco Sunset

- *15h30 – Barão Vermelho
- *17h50 – Planet Hemp convida Pitty
- *20h10 – Incubus

- *22h45 – Deep Purple
- *Palco New Dance Order
- *22h – Ruback
- *23h30 – Binaryh
- *1h – Mila Journée
- *2h30 – Artbat

Palco Espaço Favela

- *16h – Ster
- *9h – MC Hariel
- *21h – MC Poze do Rodo

Palco Global Village

- *19h15 – Anees
- *17h30 – Terra Celta convida Orquestra Refugi
- *15h30 – Larissa Luz

Palco Supernova

- *15h – The Mõnic convida Eskrota
- *17h – Black Pantera
- *19h30 – Crypta
- *20h30 – Dead Fish

TRANSMISSÃO

- *Os shows terão transmissão pela TV aberta, streaming ou TV por assinatura.
- *O Globoplay vai ter transmissão aberta dos quatro palcos do evento, mas assinantes Globoplay + canais terão acesso aos shows dos palcos Mundo e Sunset em 4K.
- *No Multishow, o público pode assistir às apresentações dos palcos Mundo e Sunset a partir das 15h15.
- *Já no Canal BIS terá a transmissão dos shows dos palcos Espaço Favela e New Dance Order às 18h45.
- *A TV Globo exibirá compactos das apresentações

Um ritual introspectivo para Belchior

João Lima/Divulgação



Carlos Prazeres, regente da Sinfônica Petrobras

Orquestra Petrobras Sinfônica celebra obra do genial Belchior

Nesta sexta e sábado (13 e 14) o maestro Carlos Prazeres e a Orquestra Petrobras Sinfônica voltam a apresentar concertos de sua série que celebra grandes nomes da música brasileira. Desta vez, o público vai conhecer versões sinfônicas de sucessos do compositor Belchior (1946-2017) como “Velha Roupa Colorida”, “A Palo Seco”, “Como Nossos Pais” e “Sujeito de Sorte”.

“Com a intenção de criar um projeto para a Sinfônica de Cam-

pinas, tive a ideia de provocar meu amigo João Cavalcanti para pensarmos algo em torno da obra de Belchior. O contraste entre o que ele produziu em vida e a forma rude com a qual se despediu deste mundo, sempre povoou meus pensamentos. O fim de sua vida me faz lembrar a forma como Mozart nos deixou. Ambos tinham em comum a rebeldia e a dificuldade em aceitar padrões impostos pela sociedade. Não se trata simplesmente de um apanhado de músicas com arranjos sinfônicos. É um ritual introspectivo que busca traduzir musicalmente a essência da vida de Belchior”, compara o maestro.

O concerto conta com a participação especial do compositor, produtor, cantor e sanfoneiro Marcelo Caldi. O roteiro foi pensado por João Cavalcanti e os arranjos elaborados por Tiago Pallone. A apresentação faz parte de minitur-

nê iniciada em Salvador, passa pelo Rio e segue para Campinas. “Por anos sonhei em fazer um projeto que desse a Belchior uma roupagem sinfônica. É como se pudéssemos devolver um pouco da majestade que lhe faltou no fim de sua vida”, diz o maestro.

A voz lúcida de Belchior foi algumas vezes pouco compreendida em sua época, nos anos 70. Sua obra foge de estereótipos e dialoga com a juventude por meio de canções que debatem de forma profunda sobre amor e questões sociais. Nos últimos anos, suas músicas foram redescobertas por uma nova geração de fãs.

SERVIÇO

BELCHIOR SINFÔNICO

Belchior Sinfônico

Sala Cecília Meireles (Rua da

Lapa, 47) | 13/9, às 19h, e 14/9,

às 16h | R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES

Divulgação



Trilogia do fim

O irrequieto Rogério Skylab é a atração deste sábado (14) no Circo Voador, onde costuma fazer apresentações memoráveis. O artista lança sua nova saga, “Trilogia do Fim”, três discos produzidos por três produtores diferentes, que dão uma canja especial no show: Cadu Tenório e Lois Lancaster. Na abertura, a Lion Heart mostra toda a sua selvageria e pedradas dos mais de 20 anos de estrada. Portões abertos a partir das 20h.

Fogo no Paio/Divulgação



Para o Donatão

A Orquestra Imperial leva nesta sexta (13) ao palco do Teatro Rival Petrobras o show “Donato Imperial”, uma homenagem da big band mais animada do planeta ao inesquecível João Donato (1934-2023), com muita latinidade, suingue, boleros e chá-chá-chás. O show contará com participação especial de Donatinho, e trará releituras de sucessos do Donatão com a personalidade sempre divertida e irreverente da Imperial.

Divulgação



Abre Alas

Se no Rio, o fim de semana é de rock, Petrópolis recebe nesta sexta e sábado (13 e 14), às 21h, um gigante da MPB. Ivan Lins se apresenta no Soberano, em Itaipava, com o show “Abre Alas”, que celebra os 50 anos de seu álbum “Modo Livre” que teve “Abre Alas” como o seu maior sucesso. O consagrado artista vai compartilhar com o público clássicos como “Bandeira do Divino”, “Bilhete” e “Meu País”.

Divulgação



Novas versões

Fundador do Kid Abelha, o compositor George Israel se apresenta neste sábado (14), às 22h30, no palco do Blue Note Rio. O artista apresentará versões inéditas dos grandes sucessos do Kid Abelha, que compôs em parceria com Paula Toller e Leoni. O repertório também contará com músicas de Cazusa, com quem colaborou em algumas composições, como “Brasil, Solidão Que Nada” e “Você Vai Me Enganar Sempre”.



SESC^{RJ}
+es
por
te

**AQUI TEM UM
ESPORTE QUE
É A SUA CARA.**

*Venha se exercitar e descobrir
o prazer do esporte com a gente.*

MODALIDADES:

Futebol feminino Voleibol
Ginástica Yoga
Natação E muito mais!
Pilates

**TURMAS DIVIDIDAS
POR FAIXAS ETÁRIAS:**

4 a 6 anos
7 a 10 anos
11 a 14 anos
Adultos

**VISITE A UNIDADE MAIS PRÓXIMA E DESCUBRA UMA
ATIVIDADE QUE COMBINE COM VOCÊ.**

Atividades com preços populares e com valor especial para credenciados Sesc RJ.

ENTREVISTA / LUIZ FELIPE REIS, DRAMATURGO, DIRETOR TEATRAL E JORNALISTA

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Depois de esboçar uma promissora carreira rondando a música no Caderno B do “Jornal do Brasil”, Luiz Felipe Reis foi para O Globo ariscar a cobertura da produção teatral. No dia a dia de entrevistas, deixou-se contaminar pelo desejo de ir além da reportagem e partir para o palco, como criador. Uma centelha de invenção o levou à dramaturgia e também à encenação, driblando rotas mais óbvias (a trilha dos espetáculos comerciais). Preferiu apostar na pesquisa, a de gestos, a de palavras, a de geografias simbólicas. Depois de “A Inútil Biografia De Um Homem Qualquer” (2014) e “Estamos Indo Embora...” (2015), ambas coroadas com o carinho da crítica, parte para um trabalho de risco (e de maturidade) calcado nos escritos e nas vivências do romancista, poeta e contista chileno Roberto Bolaño (1953-2003): a peça “Deserto”.

O espetáculo fez barulho no Futuros, no Flamengo, em maio e junho, e retorna à ribalta, agora no Teatro Firjan Sesi Centro, onde fica até 6 de outubro, apostando na força catártica do ator Renato Livera. Ele e Luiz Felipe armam um jogo da amarelhinha a partir do pensamento do autor de “2666” e “O Gaúcho Insofrível”.

Na entrevista a seguir, o outrora repórter expõe os dispositivos teóricos de sua imersão em Bolaño e as cicatrizes latinas de sua prosa.

Qual é o contexto histórico latino-americano que pesa como vetor de sentido na escrita de Roberto Bolaño?

Luiz Felipe Reis: Bolaño viveu e cresceu sob os efeitos diretos e indiretos das doutrinas e operações político-financeiras colonizadoras norte-americanas. Falo da Doutrina Monroe — “América para os (norte-)americanos”, em vigor até hoje — e da operação Condor durante os anos da Guerra Fria, que violentaram e ainda violentam e violam a soberania de todos nós latino-americanos. Na sua juventude, viveu intensamente o sonho da emancipação da esquerda. Também viu e viveu na pele a desilusão, o pesadelo, o avesso do sonho, e conviveu com as reverberações e ecos perturbadores das ditaduras até o fim. Diante de todo o arsenal coloniza-

‘Precisamos cultivar vida nos desertos e ruínas do mundo em que vivemos’



Divulgação

dor — militar, financeiro, político, cultural — mobilizado pelos EUA sobre as Américas, Bolaño reage a seu modo. Ele vive, a partir da queda-morte de Allende, em 1973, o fim do sonho político e o início do sonho poético. Compreende, em meio às ditaduras latino-americanas, que sua “arma” é a poesia, a escrita. Passa a enxergar a poesia como arte e como forma de vida, como uma aventura existencial, como forma de oposição política e subjetiva, renúncia e resistência ao mundo das armas e do capital.

Qual é o saldo desse processo?

Daí irrompe a consciência do poeta enquanto figura insurgente, que resiste e enfrenta continuamente a lógica colonizadora e exploratória ilimitada do capital.

Bolaño amadurece, torna-se adulto, ao passo que o capitalismo dobra sua aposta rumo ao neoliberalismo e à globalização. É nesse contexto, pós Guerra Fria, já como um imigrante latino-americano na Espanha, com um planeta globalmente colonizado pelo regime totalitário do capital, que ele começa a publicar seus primeiros livros — começo dos anos 1990 — e percebe que sob o império numérico-quantitativo do lucro acima de tudo haverá cada vez menos tempo e espaço para poesia e para uma existência poética que, como sabemos, escapa à lógica da quantificação, da mensuração e da acumulação infinita de lucro e poder. É como se Bolaño percebesse que, no capitalismo avançado, neoliberal, os poetas, os artistas, estão sendo arrastados novamente para aquela famosa

cena de “A República”, de Platão, no capítulo X. Aquela em que se narra a expulsão dos poetas da cidade, num elogio sinistro à tal medida, que estabelece que os poetas não deveriam ser mais aceitos em meio aos “cidadãos de bem”. Isso se dá porque eles, os poetas, assim como suas produções de linguagem, resistem ao confinamento da lógica segundo a qual o acesso à verdade se dá exclusivamente via mensuração. É em resposta a tal percepção, de um mundo cada vez mais submetido e regulado pela lógica numérica e quantitativa, intensificada pelo capitalismo neoliberal, que Bolaño passará a escrever sobre o desaparecimento de poetas e escritores do mundo.

Como se deu o processo de pesquisa e criação de uma persona Bolaño – de um modo de estar Bolaño – com o ator Renato Livera?

Eu sentia que precisava de um ator que trouxesse, em termos de energia e de materialidade, uma mistura de Roberto Bolaño e de Mário Santiago, ou de Arturo Belano e Ulisses Lima, os heróis do livro “Os Detetives Selvagens”, e que também acrescentasse a essa mistura sua personalidade, sua subjetividade. Foi aí que lembrei do Renato Livera, que não foi pensado apenas porque é um excelente ator — o que ele é, evidentemente —, mas sobretudo porque eu sentia e confiava em sua capacidade de instaurar uma certa energia, uma qualidade de presença que eu sentia que o trabalho requeria. E aí veio o trabalho com ele, que trouxe muito para a peça. Mas desde o começo, a primeira coisa que falamos foi que não interessava ao projeto a busca por uma mimese representativa, a tentativa de representar o Bolaño em cena, imitar seu modo de falar, agir etc. Não era o que interessava.

Que legado Bolaño deixa para a literatura?

Uma inconformação com as ordens e normas do poder, a não aceitação de um mundo que atua para promover a desistência ou a des-existência dos poetas e da poesia. Em vez de des-existir, insistir e re-existir, mesmo no deserto. É por tudo isso que a obra do Bolaño é um dispositivo que nos ajuda a refletir coletivamente sobre a condição de ser poeta, artista e escritor nesse mundo em vias de se tornar um deserto. Trata-se de uma reflexão crítica, um chamado.

Legitimando angústias universais

Adaptação de contos de Nelson Rodrigues, 'Tremores Ligeiros' é uma acertada imersão no universo do pai da dramaturgia moderna brasileira

Roberto Cardoso Jr/Divulgação

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

Muito se fala em Nelson Rodrigues. Como torcedor, cronista, autor suas tiradas são repetidas, popularizadas. Há o imaginário sobre o dramaturgo mais imaginativo do teatro brasileiro. Seu foco sempre foi a gente comum, de vidas simplórias, encerrados no espaço da casa. Uma limitação. Seus textos, no entanto, fazem desses personagens, fechados no mundo familiar, sua única opção, executar um bailado, no qual a troca de parceiro possível se realiza dentro daquilo que acreditam-se capaz de evita: manter-se na mesmice.

Em "Tremores Ligeiros", adaptação de quatro contos de "A Vida Como Ela É", espetáculo idealizado por José Pedro Peter, com direção de Michel Blois, o que encontramos na pequena área do Espaço Abu são quatro contudências, quatro feridas lancetadas, quatro pedras perfeitamente esculpidas. O excelente cenário formado por uma montagem/quebra-cabeça com retângulos de madeira que são retirados pouco a pouco até a sua transformação caos que vira palco.

O elenco, com a ótima peculiaridade de os papéis não corresponderem a gênero, sem transformação de voz, corpo ou figurino. As roupas têm aquela lembrança de um artesanal mineiro, com bordados, rendas, fitas. A direção do Michel Blois é a certeza de se ver Nelson abundante, de corpo e alma, sem gritos, sem exagero. Para quem viu Nelson falando sobre qualquer assunto, se reconhece a voz lenta, baixa e certa.

O idealizador desse bela adaptação, José Pedro Peter, fala com exclusividade ao Correio sobre a sua paixão por Nelson. "Essa paixão vem da necessidade de compreensão sobre a vida. Nelson, com



O excelente cenário formado por uma montagem de quebra-cabeça com retângulos de madeira que são retirados tem peso na narrativa

“Nelson Rodrigues, com sua palavra, de alguma forma, aquietou um tipo de angústia que acredito ser comum a todos nós”

João Pedro Peter

sua palavra, de alguma forma, aquietou um tipo de angústia que acredito ser comum a todos nós – sua escrita me faz sentir parte da humanidade, legitima angústias que são universais”.

A dramaturgia de Nelson sempre retratou o subúrbio carioca, um universo que não se adequa a todas as grandes cidades. “É difícil imaginar um subúrbio em qualquer lugar do mundo que tenha a mesma descrição que Nelson faz do subúrbio carioca, que lhe é tão peculiar e tão bem ilustrado nos detalhes, no seu sotaque próprio e inimitável. Acredito que as sortes que atingem seus personagens são as mesmas em todos os lugares onde haja vida humana”, destaca o dramaturgo.

Peter se aprofunda no universo de “A Vida Como Ela É”, mas pensa no futuro. “Gostaria de transformar em teatro outros contos, de novas formas, de proporcionar algum ineditismo ao texto rodriguiano. Adoraria ter a chance de montar ‘O Beijo no Asfalto’ com alguma novidade que justificasse sua montagem. Sei até qual personagem gostaria de fazer, mas isso, “por enquanto é segredo”, desconversa.

SERVIÇO

TREMORES LIGEIOS

Espaço Abu (Av. Nossa Sra. de Copacabana, 249 - loja E)

Até 29/9, de quinta a domingo (20h)
Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

SHOW**LEIDEN**

*A cantora, compositora e ativista cultural cubano-mexicana traz ao Brasil o show "Tour Destino", uma fusão de jazz, R&B, pop urbano e poesia, com participações especiais dos cantores Simone Mazzer e Rodrigo Maranhão. Sex (13), às 21h, no Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 140 e R\$ 70 (meia solidária)

CÉCILE MCLORIN SALVANT

*A cantora norte-americana celebra a força da mulher no mundo do jazz. Ganhadora de um Grammy em 2022, a artista chegou a ser comparada pela crítica especializada a divas do gênero como Sara Vaughan, Billie Holiday, Ella Fitzgerald. Sex (13), às 20h e 22h30, no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 140

LIZ ROSA

*A cantora potiguar radicada em Nova York reverencia o repertório do show "Transversal do Tempo", de Elis Regina, um retrato da angústia e da solidão da vida urbana, permeada por questionamentos sobre política, sociedade e meio ambiente. Dom (15), às 19h no Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910). A partir de R\$ 60

RIOHARP FESTIVAL

*A harpista francesa Claire Le Fur apresenta clássicos da música da França e da Martinica em versões para seu instrumento. Sáb (13) e dom (14h), às 15h. Centro Cultural Banco do Brasil RJ (Rua Primeiro de Março, 66). Grátis

JOSIEL KONRAD

*Cria da Baixada Fluminense, o trombonista, cantor e compositor desfila seu jazz com pitada de funk carioca no palco do Dolores Club (Rua do Lavradio, 20). Sex (20), às 20h. R\$ 60 e r\$ 40 (antecipado)

TEATRO**A MENINA ESCORRENDO DOS OLHOS DA MÃE**

*No palco, as atrizes Guida Viana e Sílvia Buarque trocam de geração, mas permanecem no lugar de mãe e filha mostrando erros que se repetem neste relacionamento complexo. Teatro Poeira (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)



Louise/Os Ursos

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Clair Le Fur, harpista francesa

DUETOS

*Du Moscovis e Patrícia Travassos dão vida a oito personagens em quatro histórias cômicas escritas pelo inglês Peter Quilter sobre relacionamentos em texto encenado em diversos países. Teatro Multiplan (Av. das Américas, 3.900, piso SS1, Barra da Tijuca). Até 22/9, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Entre R\$ 60 a R\$ 280

PANDEMÔNIO

*A peça aborda temas como intolerância e opressão em uma narrativa impactante que se desenrola de trás para frente num futuro distópico em tão distante de nós. Teatro Poeirinha (Rua São João Batista, 104 - Botafogo). Até 29/9, de qui a sáb (20h) e dom (19h). R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

Divulgação



Clair Le Flur

Marcos Morteira

Divulgação



Nossa História com Chico Buarque

Daniel A. Rodrigues/Divulgação



Josiel Konrad

Divulgação



Candinho

NOSSA HISTÓRIA COM CHICO BUARQUE

*Musical relaciona três momentos importantes de nossa história e suas relações com o cancionista do maior compositor brasileiro vivo. Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38). Até 6/10, de qui a sáb (20h) e dom (19h). Matinês nos dias de sessão dupla (14 e 22/9 e 5 e 6/10), às 15h. Entre R\$ 110 e R\$ 250

DICAS PARA SOFRER EM PAZ

*Encenada por Lulu Carvalho e dirigida por Ana Carolina Sauwen, o monólogo fala sobre como não se desesperar nesses tempos de cultura de superdesempenho e precarização do trabalho. Sesc Copacabana (Rua Domingos Ferreira, 160). Até 15/9, de qui a dom (19h). R\$ 30, R\$ 15 (meia) e R\$ 7,50 (associado Sesc)



Dicas para Sofrer em Paz

UM SÓ

*Apenas um participante deste processo seletivo para o elenco de uma peça teatral sairá vitorioso e terá sua vida transformada. Esta é a premissa do espetáculo em cartaz no Estúdio FilmIn (Rua São Clemente, 104 - Botafogo). Até 15/9, sáb e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN

*Durante um período em que vão cuidar de um rebanho numa montanha, dois jovens caubóis enfrentam adversidades e acabam se envolvendo afetivamente num encontro que marcará suas vidas. Até 26/9, qua e qui (20h). Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

INFANTIL**LOUISE/OS URSOS**

*Neste texto da canadense xxxx uma menina vê um urso branco e transparente em toda parte. Até 15/9, sáb e dom (xxh). Teatro EcoVilla RI Happy (Rua Jardim Botânico, 1008). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

ÓPERA**CANDINHO**

*Ópera sobre a infância do pintor Cândido Portinari em sua Brodowski (MG) faz estreia mundial no II Festival Oficina da Ópera. Teatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia). Sex (13), às 19h. A partir de R\$ 15

LA SERVA PADRONA

*A ópera criada por de Giovanni Battista Pergolesi também integra a programação do festival. Teatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia). Sáb (14), às 19h, e dom (15), às 17h. A partir de R\$ 15

EXPOSIÇÃO**OBLÍVIO**

*Lalin Witch apresenta individual com trabalhos que convidam o espectador a buscar suas memórias sem filtros, com a intenção de provocar a reflexão acerca de nossas atitudes. De 9 a 30/9 na Galeria Dobra (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering - Santo Cristo), seg a sex (10h às 15h) e sábados (14h às 19h).

ARTE DE CÓDIGO ABERTO

*O artista visual Vamoss liberou os códigos de suas obras digitais para permitir a interação dos visitantes por meio de QR Code. Meta Gallery (Rua da Assembleia, 40). Até 25/10, de seg a sex (10h às 18h). Grátis

CRÍTICA / TEATRO / O BATERISTA

Um solo de bom humor

Por Cláudia Chaves
Especial para o Correio da Manhã

O Manouche recebe neste sábado (14) a peça-festa, “O Baterista”, monólogo do ator Antonio Fragoso que encarna um baterista excêntrico em aula repleta de alunos exigentes, em que conta a história da bateria, desde a percussão dos homens das cavernas ao rock, passando por jazz, bebop, folk e blues. O eixo está em todos os passos e dificuldades em se ser baterista, essa posição semelhante à do goleiro do futebol. Sua presença não é notada, nem elogiada, agora se erra, cai o mundo. O texto mostra de forma clara e com ótimo ritmo (sem trocadilho) as agruras de uma função que

é de acompanhamento e se esconde ao fundo da ação.

Roteirista do extinto “Zorra” (Globo) e autor do musical “Apesar de Você”, Celso Taddei é o autor e idealizador do projeto que se une a outros craques do riso: o ator Antônio Fragoso e os diretores Diego Molina e Alexandre Regis.

A trilha sonora é um roteiro para se compreender como a bateria não é um outsider, mas um elemento estruturante: um pot-pourri de canções dos Beatles e muito rock’n’roll: de Bill Haley a Led Zeppelin, passando por The Who, Cream, Sex Pistols, Black Sabbath, Nirvana e bandas brasileiras.

Ágil e divertido, o texto também fala da relação do baterista com



Antônio Fragoso em ‘O Baterista’

os outros músicos de uma banda, que muitas vezes deixam de valorizá-lo por considerá-lo um tipo inferior de músico, já que trabalha com

percussão, e não com harmonia propriamente dita. Assim, o espetáculo faz um paralelo entre o preconceito que muitas vezes a música

Divulgação

não erudita/não europeia tem com músicas consideradas “periféricas”, vindas da África e do Oriente.

Depois de uma hora de risadas, de se bater os pés, palmas e balançar o corpo, chega a hora da festa para se acabar de dançar com o ator, agora DJ, Welder Rodrigues.

SERVIÇO

O BATERISTA
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983, - subsolo da Casa Camolese)
14/9, às 21h
Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia ou ingresso solidário - levando 1kg de alimento não perecível ou livro) para doação)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Renato Mangolim/Divulgação



Damas encarceradas

Geovana Pires reestrea na Casa do Tá na Rua, na Lapa, o monólogo “Perigosas Damas”, que aborda a liberdade feminina a partir do início do sistema prisional para mulheres no Brasil. Com dramaturgia de Elisa Lucinda e direção de Denise Stutz, o espetáculo exalta a liberdade ao resgatar histórias, quando mulheres eram encarceradas em manicômios, conventos e sistemas prisionais por serem sexualizadas, lésbicas, extrovertidas, inteligentes, terem repulsa sexual ao marido, praticarem a cartomancia, prostituição.

Divulgação

Universo roseano

“Grande Sertão: Veredas – Riobaldo” retorna ao Rio para sua 13ª temporada, desta vez no Teatro Municipal Domingos de Oliveira, com ingressos a R\$ 10 e R\$ 20. Riobaldo, com o esplêndido Gilson Martins, tem sido aclamado pela crítica e pelo público, sendo indicado ao Prêmio Shell Rio 2023 nas categorias de Melhor Dramaturgia e Melhor Ator. A peça, que é a primeira parte da trilogia teatral da obra-prima de João Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”, oferece um mergulho profundo na alma humana e na riqueza da linguagem sertaneja.



Divulgação



A vocação da rua

Neste sábado e domingo (14 e 15), às 10h, o grupo Tá Na Rua, do renomado diretor de teatro Amir Haddad, se apresenta respectivamente na Feirartes da Praça Saens Pena, na Tijuca, e na Praça General Osório, em Ipanema, com o espetáculo “Passa Na Praça Que o Tá Na Rua Te Abraça”. Neste 2024 em que completa 44 anos, o Tá na Rua saúda e recebe seu público do jeito que mais gosta e como se consagrou: de graça e na praça. O espetáculo já foi encenado no Parque Glória Maria (antigo Parque das Ruínas), em Santa Teresa, e no Centro Municipal Artes Hélio Oiticica.

ENTREVISTA / SERGIO TRÉFAUT, CINEASTA

'Não tenho receitas'

Divulgação

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Se você assina a Amazon Prime, ou passa por lá vez por outra para alugar filmes, dá pulo no cardápio dessa plataforma digital e selecione "Raiva" (2018), iguaria em preto & branco de Sergio Tréfaut, premiado nos festivais de Moscou e de Sevilha. Sua áspera abordagem dos desajustes sociais nos campos do Alentejo - inspirada pelo romance "Seara de Vento", de Manuel da Fonseca - basta para que o público carioca compreenda o motivo de o Centro Cultural Justiça Federal (CCJF) ter cedido sua tela grande para uma retrospectiva da obra de seu realizador.

Batizada de "Retorno ao Brasil", a mostra segue até 11 de outubro, sempre às quartas-feiras, com sessões às 17h30 e 19h, seguidas de debate. O melhor de Tréfaut está lá. Nascido em São Paulo, sob ascendência lusa, ele é encarado como um dos mais requintados poetas da imagem da língua portuguesa, levantando suas produções a partir de Lisboa.

No auge da pandemia, Tréfaut tomou de assalto o É Tudo Verdade (maior maratona documental das Américas) com o lúdico "Paraíso" (2021), retratando idosos que se reinventam (e resistem) no Museu da República. No ano seguinte, surpreendeu Veneza com o tratado geopolítico "A Noiva". Já tem mais uma leva de projetos a caminho para cartografar incongruências existenciais, morais e sociológicas do mundo, agora sintonizado com a Pangeia latina.

Na semana que vem, o CCJF exhibe o já citado "Raiva" em tela grande (oportunidade única de as plateias do Rio conferirem todo o viço fotográfico desse longa) e "Treblinka" (2016). Na entrevista a seguir, Tréfaut explica as trilhas estéticas que balizam suas narrativas.

Que fronteiras se impõem entre real e ficcional na sua construção dramática?

Sergio Tréfaut: Fiz mais documentários do que ficções e é verdade que todos os meus longos ficcionais são ancorados na realidade. Falamos de pessoas reais e problemas contemporâneos. Gosto de observar e de pensar o mundo que me rodeia. Foi o que fizeram Joris Ivens e Eduardo Coutinho no documentário,



mas também Buñuel, Pasolini e Glauber Rocha na ficção. São grandes referências. Falar de construção dramática é pertinente, mas não tenho receitas. Quero sempre propor ao espectador uma viagem de descoberta a um universo inesperado, seja um cemitério habitado no Cairo, um campo de prisioneiros no Iraque, os jardins do Palácio do Catete, uma Lisboa feita de migrantes, a minha própria família ou até universos do passado, como a Revolução dos Cravos ou os campos de extermínio nazistas. Faço filmes livres no que diz respeito à forma e acredito que o documentário é tão construído e conceitualmente elaborado quanto a ficção.

O que o seu cinema carrega de brasilidade e de "lusitanidade"?

Quero acreditar que a minha necessidade de trabalhar as emoções e a música vem de

um arquétipo cultural brasileiro. Em contrapartida, a liberdade formal, muito distante da linguagem televisiva, é claramente herdeira do cinema português. Essa liberdade também existe no Brasil, mas é difícil de conquistar.

Qual é o percurso pessoal que a retrospectiva do CCJF traça e que descobertas de linguagem você fez ao longo dela?

A mostra reúne obras que vão desde o meu primeiro curta de ficção, "Alcibíades" (1992), estreado em Locarno, até o último longa, "A Noiva" (2022), estreado em Veneza. São quase trinta anos de trabalho, durante os quais não parei de aprender. Eu me formei em Filosofia na Sorbonne e fui jornalista em Lisboa, mas não estudei cinema. Fui aprendendo. Creio que isso se sente nos meus filmes. Desde o início procurei fazer pensar e provocar o espectador, numa variável dose de fantasia e de

realidade. Ao olhar para trás, constato que a maioria dos meus filmes são retratos coletivos, ou retratos a várias vozes, oferecendo uma visão caleidoscópica do mundo.

Seu cuidado com a fotografia é uma característica que se destaca em seus filmes e aponta uma farta potência formal.

O meu cuidado com a fotografia e com o tempo cinematográfico foi crescendo ao longo dos anos. Creio que no início eu respondia sobretudo a uma urgência de expressar ideias. Pouco a pouco, o tempo cinematográfico foi me conquistando. "Lisboetas" é o primeiro documentário que teve estreia comercial nos cinemas. Ficou mais de três meses em cartaz com salas esgotadas em Portugal. Apesar de abordar uma questão política (a imigração), é um filme poético, musical, com tempos dilatados, inspirado no trabalho de Pina Bausch. "Viagem a Portugal", com imagem do mestre Edgar Moura, é o meu primeiro filme em que a fotografia (deliberadamente minimalista) cumpre o objetivo de reproduzir em cinema o trabalho do mestre Richard Avedon. Desde então, todos os meus filmes foram mais exigentes a nível fotográfico.

De que maneira as atuais políticas culturais da Europa e do Brasil favorecem a criação de uma obra autoral independente como a sua?

Tenho mais experiência na captação de recursos em Portugal. Foi onde produzi todos os meus filmes até agora (algumas coproduções com a França, com Espanha e Brasil). Mas, morando no Brasil e abordando cada vez mais temas brasileiros ou sul-americanos, tenho de diversificar a minha forma de financiamento. Até porque é muito possível que Portugal deixe de financiar meus projetos. No Brasil sou pouco experiente. Após os anos Bolsonaro, marcados pela paralisia da Cultura, sinto que estamos num outro momento de grave crise para o cinema. Existem muitos projetos interessantes do que capacidade de financiamento e, sobretudo, de exibição. O mais grave é que não existe uma regulamentação do streaming que vise a favorecer a produção brasileira. A política de exibição de filmes em sala e a política de taxaço do streaming são gravemente desfavoráveis ao cinema brasileiro.

Em mostra de clássicos cubanos, Festival de San Sebastián, que começa dia 20, resgata a obra da diretora responsável por redefinir o papel político da mulher no cinema latino

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Prestes a iniciar sua 72ª edição, lotada de medalhões autorais (Mike Leigh, Costa-Gavras, Jane Campion, Pedro Almodóvar), o Festival de San Sebastián (no norte da Espanha) vai abrir uma fresta em seu recorrente engajamento na causa do empoderamento feminino e nas lutas em prol da equidade de gênero para iluminar o legado de uma mulher que ajudou a consolidar as estéticas de não ficção no cinema cubano: Sara Gómez (1943-1974).

Além de ser um ícone dos debates feministas no audiovisual, ela é vista como um pilar da peleja antirracista na América Latina. “De Cierta Manera”, lançado postumamente em 1977, é hoje definido como um olhar seminal para debates da representação feminina numa perspectiva anticolonial. A produção se passa na região de Miraflores, onde o crescente romance entre um operário de fábrica e uma professora esbarra nas radicais diferenças que ambos têm sobre a vida revolucionária. Esse e cinco outros filmes da obra curta (porém contundente) de Sara – interrompida por sua morte, aos 31 anos, ocasionada por uma crise de asma – serão exibidos na maratona cinéfila basca, numa seleção de clássicos (restaurados) de Cuba.

Porção latina da retrospectiva Klasi-koak, essa mostra foi batizada de “En La Otra Isla”, que é o título de um dos primeiros exercícios autorais de Sara, finalizado em 1967. A produção estará nessa vitrine de San Sebastián que resgata, ao todo, 19 filmes cubanos rodados de 1960 a 1980. Integram esse pacote realizadores como Nicolás Guillén Landrián (1938-2003) e Santiago Álvarez (1919-1998). Os longas e os curtas que compõem esse painel passaram por restaurações digitais resultantes da colaboração entre entidades cubanas (Cinemateca de Cuba, ICAIC) e instituições internacionais, como a Elías Querejeta Zine Eskola, Vulnerable Media Lab / Queen’s University (Canadá), Arsenal-Institut für Film und Videokunst (Alemanha), Altahabana Films (Madri), o coletivo Archivistas Salvajes (Cuba-San Sebastian) e o Institut National de l’Audiovisuel (França).

Uma ilha chamada Sara Gómez



Divulgação

‘Poder Local, Poder Popular’, de 1970, foi um dos 19 títulos resgatados pela mostra En La Otra Isla

‘De Cierta Manera’ marcou a entrada da documentarista Sara Gómez na ficção



Divulgação



Divulgação

Sara Gómez, realizadora cubana virou ícone da luta anticolonial

Egressa de Guanabacoa, onde cresceu sob a guarda de avós paternos e de tios, em uma família ligada à Filarmônica de Havana, Sara foi uma das bases de renovação dos meios de representar a debacle do machismo no já citado ICAIC, o Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos. Seus filmes misturavam registro etnográfico e poesia. Na condição de “cineasta revolucionária”, a realizadora de “Isla Del Tesoro” (1969) e “Poder Local, Poder Popular” (1970) – ambos escalados por San Sebastián – estava preocupada em representar a comunidade afro-cubana, os dilemas enfrentados pelas mulheres de sua pátria e o cotidiano dos setores marginalizados da sociedade. Os ranços do colonialismo (e os traumas dele advindos) são os alvos de cineasta.

“Nos documentários de Sara, mostra-se a contribuição da revolução para diminuição das diferenças entre brancos e negros. Porém, ainda assim, a discriminação racial se apresenta como um processo que tem sido longo e lento”, destaca o pesquisador Pedro Javier Gómez Jaime, em um trabalho acadêmico sobre Sara.

“A cineasta marca em Cuba não apenas um ícone por ser a primeira mulher cubana que se dedicou à realização cinematográfica, mas pelo imaginário que carregam as suas filmagens, procurando um mundo democrático trasladando ao cine seu próprio contexto. Seu trabalho possibilita ainda hoje um diálogo entre aspectos de índole ética, tanto quanto outros de índole estética ou política, e logra isto sem se distanciar dos problemas do seu cotidiano”.

Em 1961, o documentário “Plaza Vieja”, integrante do projeto “Enciclopedia Popular # 28”, inaugura a carreira da realizadora, que se destaca ainda com “Iré a Santiago” (1964) e “Una isla para Miguel” (1968). Seu derradeiro documentário saiu em 1972: “Sobre Horas Extras y Trabajo Voluntario”.

Este ano, San Sebastián será inaugurado com uma projeção de “Emmanuelle”, da francesa Audrey Diwan, que revista um sucesso erótico europeu homônimo de 1974. No próprio dia 20, quando o festival começa, será exibida a produção brasileira “Ainda Estou Aqui”, de Walter Salles, que conquistou o prêmio de Melhor Roteirona competição pelo Leão de Ouro de Veneza.

CRÍTICA / FILME / O BASTARDO

Western à escandinava

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

Produzido por Louise Vesth (de “Melancolia”), colaboradora de Lars von Trier, responsável por escavar orçamentos altos e garimpar holofotes internacionais generosos para o cinema de CEP escandinavo, “O Bastardo” é um épico histórico europeu que evoca, a todo tempo, a tradição essencial do faroeste: o desbravamento. O nome do gênero entre nós é uma tradução de far west, “o Oeste distante”, as terras a serem conquistadas. John Ford eternizou essas conquistas em filmes memoráveis (como “No Tempo Das Diligências”) que ajudaram a lapidar Hollywood como indústria, despertando inveja em filmografias do mundo inteiro.

Atentos aos EUA, os italianos inventaram o spaghetti – vertente B das histórias de cowboys – tentando decalcar a sanha homérica dos americanos. Ali mesmo pela década de 1960, entretanto, essa sanha estadunidense foi esgotada pela correção política, avessa ao espírito colonialista do gênero.

Os westerns que se fizeram notar mais e melhor naquele período eram outonais e de-



O dinamarquês Mads Mikkelsen vive um capitão que busca explorar as lavouras historicamente secas da região da Jutlândia

claravam o ocaso de uma forma narrativa. Basta lembrar a devastadora a sequência de “Meu Ódio Será Sua Herança” (1969) na qual caubóis de índole má vividos por William Holden, Ernest Borgnine, Ben Johnson e Warren Oates percebem que estão em desuso quando não há mais do que ser desbravado no Oeste. Quem roubou, roubou. O progresso chegou e a lógica do mundo a ser desbravado perdeu-se no ruído metálico de locomotivas. Sobrou para o banguê-banguê ser ecológico ou existencialista.

Coube à Dinamarca encontrar um lugar para o formato fordiano clássico, amparada no sempre elegante desempenho de seu astro mais popular, Mads Mikkelsen (de “A Caça”). É recorrente a aproximação dele a enredos sobre o limite do processo civilizatório numa sociedade que, nas aparências, parece não ter dilemas sociais – embora eles estejam lá. A palavra “civilização” é o eixo ético que tonifica a dramaturgia de “Bastarden” (título original, também conhecido como “The Promised Land”) em sua aproximação de um enredo

que evoca Ford ao falar da expansão de uma pátria por seus territórios hostis.

Nikolaj Arcel, cineasta que trabalhou com Mikkelsen em “O Amante da Rainha” (2012), volta a se aproximar dele para contar um périplo geográfico de obstinação. Usando todo o requinte de direção de arte que Louise Vesth lhe oferece, o realizador recria a realidade dinamarquesa do século XVIII, quando o Capitão Ludvig Kahlen (papel de Mads) – decide abandonar os campos de batalha a fim de cultivar as terras na península da Jutlândia. Fala-se que nada cresce por lá, fora arbustos pequenos e secos, mas Kahlen insiste, pede as benesses do rei e segue. Bate de frente com um nobre local, encara o desprezo de governantes e conta com a lealdade de ciganos que sempre foram proscritos. Seu Oeste no coração da Escandinávia registra intolerâncias que lembram as do universo rural hollywoodiano.

Arcel sabe que tem uma dimensão heroica em seu protagonista, similar a dos tipos vividos por John Wayne, mas não quer reduzi-lo a um arquétipo de vigilante. O empenho do realizador, expresso em planos visualmente requintados (de cores retintas), está em explorar o limiar entre loucura e ódio que uma onipotência expansionista pode gerar. A retidão de Kahlen parece apolínea, mas seu caráter é torto. Sua psique fraturada, explorada com gana por Mikkelsen, garante às telas um personagem complexo – e arrebatador.

CRÍTICA / FILME / FORÇA BRUTA

Um Dirty Harry gaiato

Mesmo sob a implacável patrulha do politicamente correto, o cinema de ação tem encontrado meios de se reinventar ora pela aposta em narrativas cinemáticas (como “John Wick”), ora por meio de astros com perfil de ferrabrás que desafiam o moralismo contemporâneo. O britânico Jason Statham cumpre bem esse papel em Hollywood, mas fora das fronteiras americanas quem vem



Divulgação

O quarto volume da franquia ‘The Roundup’ atrai olhares para o coreano Don Lee

assumindo a persona do “bruto imparável” (outrora chamada de “exército de um só homem”) é o ex-boxeador sul-coreano Ma Dong-seok, hoje mais conhecido pela alcunha de Don Lee. Depois de chamar atenção em “Invasão Zumbi” (2016), ele estabeleceu reputação de astro em sua pátria com a franquia “The Roundup”, iniciada em 2017.

O faturamento dessa gaiata cinesérie, traduzida aqui como “Força Bruta”, hoje beira

US\$ 319 milhões. Embora seja bem-humorada, mas com o zelo de não virar chanchada (como se dava com os longas de Jackie Chan), ela resgata um ethos cascudo que contagiou as telas sobretudo nos anos 1970, com o chamado “poliziesco”, o thriller à italiana (como “Milão Calibre 9”), e com a saga Dirty Harry, com Clint Eastwood. A cada nova aventura dessa iguaria da Coreia – já são quatro! -, Don lapida o carisma de seu personagem: o dete-

tive brucutu Ma Seok-do, que não usa armas, mas tem um soco devastador. Suas tramas são baseadas em episódios reais das manchetes criminais da Ásia.

A partir deste fim de semana, o Brasil recebe o “episódio” mais áspero de todos os títulos da (até agora) tetralogia de Seok-do: “Sem Saída”, lançado no exterior em 2023. Sua bilheteria global foi de US\$ 83 milhões. A direção frenética de Lee Sang-yong assegura um dinamismo impecável nas sequências de perseguição e de confronto. No roteiro, o investigador com jeitão de Maciste vivido por Don vai inspecionar a entrada de um derivado da anfetamina em seu país, chamada Hiper. Ao correr atrás dos suspeitos, ele descobre a intervenção da Yakuza, a máfia japonesa, o que pode deflagrar um incidente internacional. Em meio a uma aeróbica de câmera convulsiva, Seok-do tenta resolver a questão com uma política de boa vizinhança feita de sopapos e de pontapés. (R. F.)

Paulo-Roberto Andel

O grande capital

Na porta do banco de empréstimos da Praça Tiradentes, um garoto franzino vai parando lentamente sua bicicleta financiada por um gigantesco banco brasileiro. Com olhar desconfiado, desembarca do veículo e o encosta na porta da financeira. Tira das costas sua enorme caixa cheia de guloseimas que ele não provará. Pega o pedido de alguma funcionária e entra na loja para fazer a entrega que lhe dará míseros reais.

[A rua parece tão vazia que tem ares de feriado, mas é tão somente a miséria da região]

A quinze metros da bicicleta do gigantesco banco brasileiro, duas pessoas em situação de rua estão praticamente desmaiadas de cansaço. Não é o sono da vagabundagem, como preferem os ignorantes: “Por que não levanta daí e vai procurar um emprego?”. A estupidez é uma tragédia. Bom, ali estão dois mortos vivos, largados a própria sorte que nada significam para a loja financeira, e muito menos para a bicicleta laranja da grande corporação bancária.

[Enquanto a cliente do iFood ri ao telefone, o menino magrinho continua à espera para finalizar o atendimento e partir para outra loja, sala ou endereço qualquer onde possa ganhar algum real.

A rua vazia talvez tenha uma explicação: o home office. E também a falta de grana: as pessoas simplesmente não se deslocam para o Centro. Continuam no ar as velhas promessas que não vão dar em nada.

Bem em frente à bicicleta laranja da grande corporação bancária, do outro lado da rua, pessoas nitidamente cansadas estão esperando ônibus em direção à Zona Norte. Hoje em dia há menos empregos, menos con-

sumidores e menos passageiros; consequentemente os coletivos são mais escassos. Quem tem paciência e mais dinheiro vai de metrô na Estação Carioca; quem precisa, fica. Ninguém ri. Ninguém conversa. Os rostos carregam o peso do cansaço.

Andando mais cinquenta metros, você pode chegar ao outro lado da Praça Tiradentes, onde tem a estação do VLT - volta e meia a máquina de cartões não funciona e os passageiros ficam a ver navios. Na esquina da Imperatriz Leopoldina duas jovens com roupas curtas e olhares perdidos, ambas com menos de vinte anos, especulam possíveis clientes para programas sexuais. São profissionais do sexo, o problema é que ninguém é verdadeiramente profissional de nada com menos de vinte anos de idade, a não ser os gênios e estes são bem raros.

Nos prédios da Praça, tudo parece silêncio das janelas. Um transeunte não pode sequer imaginar que, em alguma delas, haja um potencial suicida ou mesmo homicida. Não dá para saber nada do que a Tiradentes abriga, nem do céu nem da Terra. Se houvesse ao menos um declarado, logo surgiria um grupo de espíritos de porco que, à menor ameaça de suicídio, logo gritariam do terreno “Pula, Pula”, mostrando muito de certa face verdadeira no Brasil.

[Debaixo da marquise, a quinze metros do banco de empréstimos, as duas pessoas em situação de rua continuam absolutamente desmaiadas de cansaço, à espera da misericórdia que jamais virá.

É terça-feira, o inverno vai encaminhando sua despedida. A vida escorre. Os bons morrem jovens. Os arrogantes ladram por toda parte.

Estantes com lotação esgotada

CRÍTICA/LIVROS

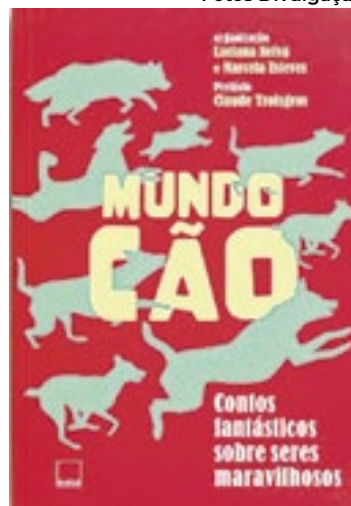
Fotos Divulgação

Por Olga de Mello
Especial para o Correio da Manhã

Umberto Eco dizia que ninguém deve ter a pretensão de ler todos os livros de sua biblioteca, mas viver na presença desses volumes, folheados, escolhidos, tranquiliza o dono que sempre poderá, um dia, consultá-los. Foi o que pensei na semana passada ao arrumar meras três prateleiras de uma estante, tentando acomodar livros que se amontoavam enquanto aguardavam um cantinho que pudessem chamar de seu.

Como recebo muitos livros e adquire uma boa quantidade também, nem sempre tenho como manter todos no meu modesto acervo por razão das mais singelas: falta de espaço. Assim, muitos vão para o que hoje se convencionou chamar “doação”. Para mim, são presentes preciosos, ainda que já lidos. Entrego em tão perfeito estado, que o presenteado sempre agradece!!!

Na fila dos presenteados deste mês estará um livrinho que já conquista quem o vê pelas encantadoras ilustrações. É um healing book, um livro de cura, novo segmento literário que reúne ficção motivacional, oferecendo perspectivas otimistas da vida. “Vou te receitar um gato” (Intrínseca, R\$ 49,90), da japonesa Ishide Syou, mostra, com delicadeza, os benefícios da convivência com os felinos. É a receita milagrosa para os pacientes do estranho médico à frente de uma clínica em endereço obscuro. Ao fim do tratamento, todos os pacientes decidem adotar um bichinho, abrindo os olhos para as necessidades dos outros. A narrativa segue o ritmo oriental, um tanto lento, mesclado com doses de fantasia que surpreendem o leitor. E haja figura de gatinho enternecedor,



integração com o cotidiano sendo superadas pela companhia dos bichos, com alguns textos narrados pelos próprios animais. Não faltam histórias com um pé na realidade fantástica e no misticismo, embora a maior parte esteja calcada no sentimento que une homens aos seus ditos melhores amigos.

Já quem gosta de autores consagrados vai se deliciar com os seres inusitados que protagonizam as criações de Margaret Atwood e reunidas em “Tig & Nell e outros contos” (Rocco, R\$ 60). Ao lado de gatos estão aliens, bruxas e até gente comum, como o casal Tig e Nell. Os textos foram publicados em revistas diversas, entre elas a New Yorker, refletindo sobre a contemporaneidade através de fatos do dia a dia, como o luto em família ou a relação entre mãe e filha, podendo ter ambientação fantástica ou totalmente calcada na realidade que conhecemos, sempre à procura de razões que justifiquem a existência no planeta.

Quem tem a carioquice impressa na alma vai se encantar com o guia de observação da cidade montado por Lúcia Shibuya em “2004 Diário carioca — A Princesinha do Mar” (Literíssima, R\$ 50), com diversas crônicas que convidam o leitor a descortinar o Rio de Janeiro. A cidade é o personagem observado pela narradora, que registra, ao longo de uma década, a mudança nos bairros da Zona Sul, a ocupação dos imensos salões que outrora abrigavam cinemas por academias de ginástica ou megastores, a decadência, aos olhos dos antigos cariocas, de áreas nobres cujo custo de vida nem sempre é compatível com a ausência do Estado para garantir saúde e segurança. O lançamento será neste sábado, no restaurante Botequim (Rua Visconde de Caravelas, 22, Botafogo) das 18h às 21h.

quase um Instagram de fofura.

“Mundo cão — Contos fantásticos sobre seres maravilhosos” (Bloco Narrativo, R\$ 50), coletânea de crônicas e contos de jornalistas sobre a vida ao lado de cachorros, não entra na categoria curativa, porém mostra o quanto a convivência com animais enriquece a rotina dos humanos. Boa parte trata dos laços afetivos e emotivos entre pessoas e seus cães, as dificuldades de

Taís de Barros/Divulgação



Alba

Tomás Rangel/Divulgação



Bar de Santo Antônio

Tomás Rangel/Divulgação



Belisco

Tomás Rangel/Divulgação



Mercearia da Praça

Por Natasha Sobrinho

Especial para o Correio da Manhã

Faltam apenas três meses para o Natal, mas não é preciso esperar até lá para saborear as tão desejadas rabanadas. O doce mais procurado das festas de final de ano ganhou lugar cativo no menu de sobremesa dos restaurantes e padarias cariocas. Para você não passar vontade o ano todo, o Correio da Manhã preparou uma lista especial com essas casas. Veja abaixo:

ALBA – Entre as sobremesas deste italiano está a rabanada de Nutella (R\$ 34). Ela é feita no brioche frito com creme de aveia com chocolate e servida com gelato de baunilha africana. Rua Martins Ferreira, 60. (21) 21 99795-6988.

BAR DE STO ANTÔNIO – A aposta do novo bar português na ala das sobremesas é a conhecida e desejada raba-

nada com sorvete de iogurte, caramelo salgado creme inglês e crumble (R\$ 48). Rua Humberto de Campos, 827. (21) 3518-0810.

BELISCO – No gastrobar da chef Monique Gabiatti é possível encontrar a Pain Perdu (R\$ 39), rabanada feita com brioche de fermentação natural grelhado na manteiga e finalizado com doce de leite, flor de sal e erva doce fresca. O doce

ainda acompanha creme inglês de laranja. Rua Arnaldo Quintela, 93 - Botafogo. Tel: (21) 99309-6196.

CASA DAS NATAS – O espaço oferece o ano inteiro três tipos de rabanadas: as tradicionais (R\$ 14), as recheadas com chocolate ou doce de leite (R\$ 18), além das servidas com sorvete de creme holandês e calda (R\$ 24). Av. N. S. de Copacabana 995. Tel: (21) 99555-8243.

FARE – Um dos destaques da ala de sobremesas do menu é a rabanada. Ela é feita com brioche de fermentação natural com calda toffee e creme pâtisserie de laranja (R\$ 29,90). Shopping da Gávea – Rua Marquês de São Vicente, 52 – Loja 173. Tel: (21) 99712-2056.

FIGS & CO – Na padaria artesanal é possível encontrar o Bostock (R\$ 12). De origem francesa, as rabanadas são servidas com calda de amêndoas. Av. João Cabral de Mello Neto, nº 850 – Loja D, Barra da Tijuca. Tel: (21) 99728-2134.

MERCEARIA DA PRAÇA – No restaurante português, em Ipanema, é possível encontrar a Rabanada dos Sonhos (R\$ 28,90). De massa leve e aerada com recheio farto de creme de confeiteiro quentinho e a rabanada tradicional (R\$ 26,90) com calda de redução de vinho do Porto. Rua Jangadeiro, 28. Tel: (21) 39861400.

Rabanada o ano todo!

Confira um roteiro de casas que oferecem o doce, além da época festiva

Tomás Rangel/Divulgação



Figs & Co

Pedro Carvalho/Divulgação



Casa das Natas

Divulgação



Fare

Dos satélites para o mundo: a arte da dança no Distrito Federal

Companhias de dança de Taguatinga e Planaltina e Taguatinga alçam voos para alcançar o país e o exterior

Foto: Bruno Frazzino/Sesi-DF



Por Mayariane de Castro

Os bailarinos da Flyer Cia. de Dança vivem um misto de alegria e ansiedade. No início do ano, eles ganharam um prêmio no Festival Puls'arte, em São Paulo, que lhes garantiu uma vaga em um festival que acontecerá na Itália em 2025.

Grande alegria por receber o prêmio. Grande ansiedade agora para conseguir viabilizar a viagem. A vaga no festival está garantida, mas a companhia precisará custear o deslocamento e a estadia. Ainda não conseguiu patrocínio para a empreitada, e a ida, então, irá depender da arrecadação que conseguirem.

São os desafios de quem faz arte. Seja no Distrito Federal ou em outros cantos do país. Desafios que também surgem para a Transições Companhia de Dança e Artes, do Planaltina, que completa dez anos com a expectativa de fazer um intercâmbio no Recife, referência cultural para a dança que praticam.

As companhias Flyer e Transições se apresentaram na III Mostra de Dança de Planaltina, entre os dias 30 de agosto e 1º de setembro. O Correio da Manhã acompanhou as apresentações. Veja abaixo como foram os dois espetáculos:

A Transições Companhia de Dança e Artes reapresentou o espetáculo "Ato de Fé: o que te move" como abertura da III Mostra de Dança de Planaltina, que ocorreu no Complexo Cultural de Planaltina. A peça aborda os sentimentos e as inquietudes que cercam a condição humana e faz uma reflexão sobre o sentido da vida.

O processo criativo foi liderado pelo coreógrafo e diretor do grupo, Lehan-

A Cia Flyer busca recursos para se apresentar na Itália

dro Lira. Porém, as coreografias foram desenvolvidas em processo participativo e de cocriação com todos os bailarinos. "A temática do espetáculo foi inspirada nas energias e nos motivadores pessoais de cada indivíduo e bailarino, buscando trazer significado para suas vidas, ajudando-os a sobreviver às mais variadas adversidades e dores que cercam a condição humana", explicou.

Medo, fome, desamparo, pobreza, miséria, violência e desamor permeiam a existência das pessoas, exigindo delas procurar forças onde ela parece não existir. De modo que a fé na vida, no amor, na arte, na esperança, os move e oferece o motivo para a cada dia e partir para a luta por dias melhores e pela ascensão diária, como o diretor acrescenta. O espetáculo conta com 12 coreografias como uma referência a diversas manifestações espirituais e religiosas, como os 12 apóstolos e os 12 astros.

Fundada em 2014, a Transições Cia de Dança e Artes, já se tornou um marco cultural na região administrativa de Pla-

naltina, cidade sede da companhia desde a sua criação. "A missão do grupo é resgatar, por meio da dança e da junção de corpos híbridos em formação, a herança da cultura popular brasileira no cenário contemporâneo", diz Lehandro.

Reconhecida fora do território brasileiro, a companhia foi contemplada novamente em janeiro com o edital da Secretaria de Cultura do DF do projeto Conexão Cultural, recebendo apoio e fundos para um intercâmbio cultural no Recife, berço das referências do grupo.

A Flyer Cia de Dança, companhia profissional de dança contemporânea de Taguatinga, realizou a abertura da III Mostra de Dança de Planaltina, como grupo convidado com o espetáculo Como Nossos Pais.

Trilha nostálgica

A obra se inspira nas trilhas de músicas populares brasileiras onde o coreógrafo Leandro Mota desafia o elenco de bailarinos a criar laços afetivos com as canções que eram ouvidas por gerações

passadas, como as dos pais dos bailarinos. "Sempre costumo dizer que a obra tem que tocar a gente primeiro antes de chegar ao público. É um espetáculo emocionante e cheio de significados que carregam muita nostalgia e saudade dentro da proposta", diz o diretor.

De Caetano Veloso a Gal Costa, de Cazuza a Zeca Baleiro, cada uma das coreografias do espetáculo carrega consigo um significado e uma roupagem específicas. O coreógrafo aproveita as nuances musicais para mesclar a dança contemporânea com outros estilos de dança, como o jazz, para que o elenco possa caminhar por outros caminhos.

Para o bailarino Lamôni Chagas, o espetáculo vai além das lembranças e emoções. "Para mim, significa a justificação e as lembranças, justifica o porquê eu danço, me faz lembrar para quem eu danço. Desde o processo de criação até as reapresentações, é sempre uma emoção diferente, que me faz lembrar toda vez da minha dança e qual é a minha essência", relata o artista.

A universalidade
do carioca Nelson
Rodrigues

PÁGINA 7



San Sebastián
resgata obra de
Sara Gómez

PÁGINA 12



Cia de dança
do DF pronta para
brilhar no exterior

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA



Divulgação

O grande palco global está de volta



A diversidade da música se faz presente em mais uma edição do Rock in Rio, que completa 40 anos

E lá se vão 40 anos! Neste fim de semana o inicia mais uma edição, a décima na Cidade do Rock, com sete dias de shows com artistas de todas as partes do mundo, de todos os gêneros, com apresentações nos dias 13, 14, 15, 19, 20, 21 e 22. O festival celebrar seus 40 anos de existência, contando com uma nova área temática chamada Global Village com cenários inspirados em ícones arquitetônicos de todo o mundo.

Ed Sheeran, Ne-Yo, Joss Stone, Ludmilla e Angélique Kidjo foram as primeiras atrações confirmadas para o evento, divulgados nas redes sociais do Rock in Rio em novembro do ano passado.

Em comemoração a música brasileira, foi reservado um dia em homenagem aos mais diversos estilos musicais brasileiros, entre eles o rock, sertanejo, MPB, trap, pop, samba, rap, bossa nova, soul, funk, jazz, música clássica e eletrônica.

Esta será a segunda edição que terá um dia dedicado a artistas femininas. Conhecido como “Dia Delas”, as primeiras atrações confirmadas para esse dia foram Katy Perry, Iza e Gloria Gaynor.

O festival contará com um musical especial pelos 40 anos do festival chamado ‘Sonhos, Lama e Rock and Roll’, que contará a história do Rock In Rio, com a direção de Charles Möeller, direção musical de Zé Ricardo e protagonizado pelos atores Beto Sargentelli, Malu Rodrigues e Rodrigo Pandolfo.

Além da diversidade de gêneros musicais, o festival contará com artistas de várias partes do mundo como África do Sul, Austrália, Benim, Canadá, Colômbia, Estados Unidos, Índia, Inglaterra, Israel, Portugal, Suécia e Ucrânia.

Continua na página seguinte